

## A EDUCAÇÃO FÍSICA E O CORPO: UMA RELAÇÃO DE PODER

Antonio Geraldo M. G. Pires \*

Este artigo apresenta como objetivo explicitar a forma como a Educação Física se relacionou/relaciona com o corpo do homem no seio da sociedade brasileira.

Portanto, é importante explicitar que a Educação Física é uma das atividades sociais em nosso país que não se originou e não se origina, de uma prática orgânica do povo brasileiro, mas sim de uma produção do Estado para o povo. Assim, podemos dizer que ela não é uma síntese de esforços coletivos da práxis social, mas uma normalização do Estado autoritário.

Optamos por esta linha de compreensão das formas como a Educação Física e o corpo se relacionam/relacionaram, para desenvolver este artigo, sem tornarmos como centro das questões a ação pedagógica exercida pelo professor sobre o corpo, mas sim com toda a teia de relações que determinou e ainda determina esta ação pedagógica.

A relação entre as duas instâncias se fez presente pela primeira vez no Brasil, conforme Costa (83/p.12), aproximadamente na terceira década do século passado, com fins higienistas:

"Valendo-se dos altos índices de mortalidade infantil e das precárias condições de saúde dos adultos, a higiene conseguiu impor à família uma educação física, moral, intelectual e sexual inspiradas nos preceitos sanitários da época."

Se observarmos a prática da Educação Física neste período, constatamos que apresentava como objetivo colaborar para a diminuição da mortalidade infantil da época. Para tanto, era necessário que desenvolvesse toda a sua prática na intenção de se conseguir que o homem brasileiro construísse um corpo saudável e forte.

A questão central é que o corpo tomado como exemplo de saudável e forte era o corpo do burguês. Portanto, a prática da Educação Física buscava reproduzir o padrão corporal das elites junto à sociedade, com a intenção, não declarada, de incentivar a divisão de classes. Sobre este aspecto Costa (83/p13) nos diz que,

"A Educação Física difundida pelos higienistas do séc. XIX criou, de fato, o corpo saudável. Corpo robusto e harmonioso, organicamente oposto ao corpo relapso, flácido e doentio do indivíduo colonial. Mas foi este corpo que, eleito representante de uma classe e de uma raça, serviu para incentivar o racismo e os preconceitos sociais e a ele ligados. Para explorar e manter explorados, em nome da superioridade racial e social da burguesia branca, todos os que, por suas singularidades étnicas ou pela marginalização sócio-econômica, não logravam conformar-se ao modelo anatômico construído pela higiene."

É neste momento, então, que podemos dizer que a Educação Física, através de sua prática colaborava em muito para a ratificação das classes sociais e também para a construção de um referencial concreto para a não formação da consciência de classe. Percebemos esta proposta através de Costa (83/p13) quando diz que,

"(...) o cuidado higiênico com o corpo fez do preconceito racial um elemento constitutivo da consciência de classe burguesa (...). A consciência de classe tem, na consciência da superioridade biológico-social, um momento indispensável à sua formação."

Assim, a ligação entre as áreas médica e de atividades físicas estava muito forte e o traço comum que as mantinha ligadas era o paradigma da higiene. Agora, se refletirmos sobre esta ligação, notaremos que a área médica era a determinante, a partir do momento em que era quem detinha os pressupostos teóricos sobre a higiene, sendo a Educação Física apenas o instrumento da ação, característica esta que se explica no fato de que os higienistas eram pessoas pertencentes às classes dominantes, portanto detentoras do saber da época.

Assim, os higienistas começam a passar para a sociedade os seus valores morais e de higiene, buscando determinar o comportamento do homem na sociedade. Este fato foi possível, na medida

\* Professor do Departamento de Educação Física e Desportos da Universidade Gama Filho

em que os higienistas desenvolveram uma ordem médica que determinava uma norma familiar, buscando, com isto, formar um cidadão individualizado e domesticado à disposição do Estado e da prática.

A intenção desta filosofia iria muito além, na medida em que buscava relacionar valores do tipo patriótico e moral à higiene, conforme nos mostra Costa (83/p67),

"A ausência de patriotismo foi redefinida como deficiência físioco-moral (...) a incapacidade de amar o Estado era uma doença (...). O corpo perfeito e a alma sadia secretavam fisiológico-moralmente o patriotismo (...) certos indivíduos mostravam-se incapazes de servir ao exército com patriotismo, porque tinham tido uma Educação Física e moral insuficientes."

Os higienistas, ao garantirem esta ordem médica e norma familiar, sabiam que aprofundavam seu poder sobre a sociedade como um todo, mas, para ratificarem este poder, deram início ao disciplinamento do corpo dos homens e, segundo Costa (83/p179),

"(...) viam na Educação Física um fator capital na transformação social: o benefício e a utilidade comum são o objetivo principal da ginástica; a prática de todas as virtudes sociais, de todos os sacrifícios mais difíceis e generosos são seus meios"

na medida em que os métodos e objetivos desta Educação Física eram higiênicos. Por isso, deveriam ser utilizadas na infância técnicas pedagógicas que criassem hábitos nas crianças, que visassem impedir as suas "máis inclinações", através de uma inculcação dos "bons hábitos", que, claro, eram os hábitos da burguesia.

Acreditava-se que seus efeitos seriam duradouros e universais, buscando implantar uma "alma dócil", em um "corpo tenro e flexível" sem deixar marcas perceptíveis.

Toda esta realidade existente era produzida, transmitida e inculcada na sociedade através de um discurso liberal característico do séc. XIX no Brasil e, que segundo nos diz Ghiraldelli (88/p22) não titubeava "em jogar às costas da ignorância popular a culpa pelos problemas sociais", ao mesmo tempo em que pregavam que suas soluções estavam na educação e na escola e que, especificamente, a higiene da população era responsabilidade da Educação Física.

Outro dado interessante, desta relação entre a Educação Física e o corpo, é que sua influência foi tão marcante que percebemos ainda hoje muitos discursos na área de Educação Física centrados no binômio saúde/higiene do corpo.

Com a evolução da sociedade brasileira e com o aprofundamento das reflexões sobre o processo educacional, a Educação Física também

apresentou uma modificação na sua forma de se relacionar com o corpo.

O pensamento positivista teve grande penetração na sociedade brasileira alcançada através da instituição militar, o exército, que sempre teve uma presença marcante nas questões políticas, econômicas e sociais do país.

Na Educação Física notamos esta influência militar quando observamos que a ação pedagógica da disciplina era desenvolvida através do método francês de ginástica, quer por apresentar características utilitárias foi assumida pela caserna como método oficial.

O fato da Educação Física ter assumido os preceitos militares da ordem, obediência e patriotismo, fez com que desenvolvesse uma filosofia de ação pedagógica baseada em princípios autoritários e fascistas, pois, tinha como objetivo principal a formação de um corpo dócil, obediente, adestrado e subserviente.

Assim, a Educação Física neste período buscava, através das atividades físicas e desportivas, dominar e oprimir o cidadão brasileiro adaptando-o a sociedade, suas normas e valores.

A Educação Física buscava construir um corpo com uma padronização de comportamentos, pois estes deveriam, necessariamente, ser aprendidos de tal forma que os homens os mantivessem e os perpetuassem por toda a sua vida. Na medida em que inculcassem esta prática, os homens passariam a se comportar na sociedade buscando enquadrar sua forma de vida e de pensar conforme os valores das classes dominantes. Assim, o corpo era visto como uma "massa" que deveria ser molhada de acordo com as normas e valores vigentes.

Salientamos que esta Educação Física utilizada como pano de fundo para a sua prática o discurso dos benefícios para a saúde do corpo, camuflando assim, as reais intenções que objetivava, fato este que garantia o apoio da sociedade às práticas de Educação Física. É importante salientar que a sociedade assim agia em função de que o discurso ligado à saúde era inquestionável, por parte da sociedade, na medida em que os canônes da área médica são de domínio somente de seus profissionais.

Portanto, foi o poder que a medicina exerce sobre a sociedade brasileira que as classes dominantes utilizaram para desenvolver uma Educação Física que servia de controle do comportamento social dos homens, ao mesmo tempo que preparava corpos "sadios" pra o trabalho assalariado.

Com a mudança dos princípios educacionais, escola nova, aconteceu uma alteração do paradigma da Educação Física, que localizava-se somente no aspecto biológico do homem, passando para o paradigma dos aspectos biopsicosocial.

Mesmo tendo avançado em seu paradigma

de compreensão do homem, ainda se nota um predomínio do aspecto biológico sobre os demais. Isto pode ser notado no valor que era dado ao exame biométrico, que era o parâmetro principal de avaliação da disciplina. Assim, podemos dizer que o corpo continua sendo trabalhado buscando-se uma melhora em sua condição física e de saúde.

Percebe-se que, mesmo tendo concretizado algum avanço na maneira como concebia o homem, a Educação Física ainda se mantém bastante conservadora na essência de sua prática. Esta situação se faz presente em função do fato de a Educação Física brasileira nunca ter sido elaborada a partir de uma produção orgânica da sociedade e a força político-social que a medicina exerce em nosso país.

É certo que podemos notar uma diminuição nesta contradição entre o paradigma e a prática na Educação Física, a partir do final dos anos 60, momento importante, na medida em que foi, neste período, alterado o eixo central da disciplina, passando da área educacional para a desportiva.

Este fato se deu como resposta à filosofia proposta para a Educação Física pelos governos militares pós — 64, e que tinham como idéia-força, segundo Cunha (85/p 80),

“(...) o estudante, cansado e enquadrado nas regras de um esporte, não teria disposição para entrar na política,”

sendo que a forma de incentivar a participação dos jovens na área desportiva seria aquela em que se ofereceriam bolsas de estudos, em todos os níveis escolares, para aqueles que se sagrassem campeões, ao mesmo tempo que se poderia passar para a sociedade, em geral, a sensação de uma verdadeira “igualdade social”

Para atingir estes objetivos, a Educação Física no Brasil passou a ter a seguinte estrutura: escolar, alto-nível e massa, que estavam interligadas entre si com a intenção de disseminar, junto à sociedade, a idéia da democratização das práticas de atividades físicas-desportivas.

Respondendo à tecnização do sistema escolar brasileiro, a Educação Física passou a desenvolver suas atividades nas escolas buscando a formação desportiva competitiva. Onde o objetivo maior era a participação nos então criados Jogos Estudantis Brasileiros (JEB's), de onde deveria sair o atleta de alto-nível que iria representar o país nas competições internacionais, procurando alcançar uma performance que fosse compatível com o espírito do “Brasil Grande” que era colocado para sociedade pelos governos militares.

Neste momento podemos perceber que a relação entre a Educação Física e o corpo passou a ser direcionada pelo binômio homem-máquina, na medida em que os alunos das escolas brasileiras passaram a ser formados objetivando a melhor performance desportiva, sem a menor preocupação

com o desenvolvimento de sua capacidade crítico-reflexiva.

Considerando que a juventude brasileira precisava ter controlado seus anseios políticos-sociais e que a educação é um dos instrumentos mais eficazes para se conseguir tal fim, foi assim a Educação Física desportiva utilizada para agilizar a obtenção deste objetivo.

A partir de então, foi o jovem brasileiro iniciado em um profundo processo de despolitização, pois, conforme nos diz Bracht (87/p 184),

“No esporte desenvolvem-se idéias ou valores que levam ao conformismo, como é o respeito incondicional às regras, porque o comportamento não conformado no esporte não leva a modificações do esporte, mas sim à exclusão dele.”

Portanto, aprender a respeitar as regras e não querer modificá-las era lição básica da Educação Física, e esta era tão inculcada nos alunos que a tendência era a sua extração para a sua realidade político-social, que, segundo Bracht (87/p 184),

“(...) o esporte educa. Mas, a educação aqui significa levar o indivíduo a internalizar valores, normas de comportamento que lhe possibilitarão se adaptar à sociedade capitalista. Em suma, é uma educação que leva ao acomodamento e não ao questionamento. Uma educação que ofusca, ou lança uma cortina de fumaça sobre as condições da sociedade. Uma educação a serviço da classe dominante. Uma educação que não leva à formação do indivíduo consciente, crítico, sensível à realidade que o envolve.”

Quando as classes dominantes perceberam que os esportes competitivos já cumpriam bem a sua função, voltou-se, então, para a questão específica da relação com o corpo (Ghiraldelli 88), dando início a um processo de tecnização da Educação Física, estimulando pesquisas nas áreas de treinamento desportivo, fisiologia do esforço, ergonometria e cinesiologia, afastando, assim, a intenção humanista-crítica das pesquisas, com o discurso da neutralidade científica das áreas estimuladas e, portanto, uma melhor qualidade dos estudos e retorno para a sociedade.

Nesta medida, a Educação Física ratifica a concepção de que o homem tem um corpo, colaborando, assim, para a repressão corporal do brasileiro, dificultando a conscientização de que o homem é o seu próprio corpo, concepção que a nosso ver facilitaria a libertação do indivíduo.

Esta negação do corpo pela Educação Física foi tão bem construída que o homem à procura de quebra de recordes martiriza e sacrifica o corpo pelo simples prazer de vencer o outro.

Nada melhor para confirmar nossa posição,

do que a indignação expressada por Alves (85/p 39) quando ele denuncia o que fizeram do uso do corpo:

"Ali, diante dos meus olhos, no vídeo da TV, oferecida à admiração do mundo inteiro, uma luta olímpica. A água era a inimiga que precisava ser vencida. Cada movimento do corpo era um gesto de lutador. (...) para as nadadoras cada braçada era um meio apenas para se atingir um fim, que se encontra no final (...) já as crianças cada braçada é um abraço, experiência de prazer, um fim em si mesmo. Não, a água não é a resistência a ser vencida, é companheira de traquinagens."

É claro que, para o processo implantado, a visão de Alves é tida como "romântica", "purista", "ingênua" e "utópica". Nada mais coerente que as classes dominantes passem estas idéias da proposta de Alves, pois é justamente a mudança destes valores que, de uma forma ou de outra, poderiam levar a Educação Física a alterar sua relação com o corpo e seu compromisso com a sociedade.

Dentro do atual sistema político-econômico brasileiro, a Educação Física responde quase que prontamente às filosofias das classes dominantes, quando torna o corpo do homem um objeto tecnizado e desumano, portanto, um corpo oprimido e dominado, colaborando para que o TER um corpo supere o SER um corpo.

## BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: uma nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

ARANHA, Maria Lúcia de A. & Martins Maria Helena. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo, Moderna, 1986.

BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

BRITO, Jussara Cruz de. *Revelações do corpo: o trabalho em um estaleiro*. (Dissertação de mestrado) Rio de Janeiro: Faculdade de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985

BROHM, Jean-Marie. *Corps et politique*. Paris, Delarge Editeur, 1975.

BRUHNS, Heloisa Turini. *Conversando sobre o corpo*. Campinas, Papirus, 1985

CODO, Wanderley. *O que é corpo (latria)*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem média e Norma Familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

CUNHA, Luiz Antonio & Góes Moacyr. *O Golpe na educação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

----- *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 1987.

FROMM, Erich. *Conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética de educação*. São Paulo, Cortez, 1983.

GHIRALDELLI, Paulo. *Educação Física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física*. São Paulo, Boyola, 1988.

RODRIGUES, José Carlos. *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro, Achimé, 1963.

BRACH, Walter, os *A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista*. (in) *Fundamentos Pedagógico 2, Ao Livro Técnico*, Rio de Janeiro, 1986.